**presença de formas amastigotas no sistema reprodutor de cães machos naturalmente infectados por leishmania sp.: revisão de literatura**

**Anna Maria Fernandes da Luz1\*, Rodrigo de Oliveira Portela2 e Fabio André Campos Baía3.**

*1Graduando em Medicina Veterinária – UEMA – São Luís/MA – Brasil – \*contato: annamaria25luz@gmail.com*

*2Graduando em Biomedicina – Pitágoras – Parauapebas/PA - Brasil*

*3Mestre em análises clínicas – Prefeitura Municipal de Parauapebas – Parauapebas/PA – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A Leishmaniose Visceral Canina (LVC), uma enfermidade crônica, se tornou a doença de caráter zoonótico de maior relevância, causada pelo protozoário do gênero Leishmania1, que apresenta a forma amastigota, obrigatoriamente parasita intracelular, de ampla distribuição em tecidos de mamíferos domésticos ou selvagens, ou como forma promastigota metacíclica no sistema digestivo do inseto transmissor2. No cachorro, que é o principal reservatório urbano, a LVC provoca diversos sinais clínicos como linfadenomegalia, anemia, onicogrifose, ceratoconjutivite, dermatopatias, apatia e, em casos atípicos, desordens neurológicas, cardiopatias e lesões inflamatórias nos órgãos sexuais3. Sabe-se que a infecção ocorre por via da ação hematófaga de hospedeiros invertebrados pertencentes à subfamília *Phlebotominae* infectados em um mamífero que se tornará hospedeiro, porém transmissões na ausência de vetor já são conhecidas e estudadas. Há controvérsias quanto às alterações fisiológicas dos órgãos reprodutivos do cão macho naturalmente infectado, mas a transmissão vertical e venérea – transplacentária ou no ato da cópula, respectivamente – entre cães já foi relatada2. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a presença de formas amastigotas no órgão reprodutor de cães naturalmente infectados e a possibilidade de transmissão do agente parasitário por meio da reprodução.

**METODOLOGIA**

O estudo utilizou-se de artigos e trabalhos científicos nos idiomas português e inglês, selecionados através do banco de dados do *Google Acadêmico*, pesquisando as seguintes palavras chave: leishmaniose visceral canina, patologia genital, Leishmania sp, cães, sêmen.

**REVISÃO DE LITERATURA**

A LVC pode se apresentar desde uma forma assintomática até uma doença sistêmica e crônica. Pela via da ação hematófaga do vetor, o parasita pode se disseminar por via linfática ou vasos sanguíneos, infectando macrófagos da medula óssea, dos linfonodos, do fígado, do baço, dos rins e do trato gastrintestinal do animal afetado1. Foram coletadas amostras do aparelho reprodutivo de cães machos sexualmente maduros sabidamente positivos laboratorialmente para LVC. Estas amostras foram submetidas à técnicas de diagnóstico citológico como colorações e imunohistoquímica para qualificar o perfil leucocitário e a presença de amastigotas2.

Foram encontradas maiores concentrações de linfócitos no corpo e na cauda do epidídimo e no testículo; macrófagos no corpo e na cauda do epidídimo e formas amastigotas em diversas regiões do aparelho reprodutivo, que é 6,5 vezes superior aos cães assintomáticos1. Através de mecanismos desconhecidos, macrófagos contaminados contendo amastigotas são atraídos para o epidídimo, uma vez que epididimites são significamente maiores em cães com Leishmaniose Visceral Canina2.

O testículo foi o órgão que apresentou maior taxa quanto à presença de formas amastigotas (P<0,05) nos cães positivos e sintomáticos, enquanto nas demais regiões estudadas as taxas de risco foram inferiores. Ainda assim, as células de Sertoli separam mecanicamente todas as células germinativas por meio da barreira hematotesticular. O tecido intersticial é rico em macrófagos que expressam MHC de classe II, linfócitos T e B, presentes na *rete testis* e no ducto eferente, além da presença de vasos linfáticos e capilares sanguíneos que facilitam a migração

das células de defesa. Portanto, a atividade imunológica do testículo pode contribuir para a manutenção das formas infectantes e na disseminação para os segmentos extragonadais.

Nota-se no epidídimo a migração de células imunocompetentes, principalmente neutrófilos, macrófagos e linfócitos, para o lúmen – células que normalmente situam-se na base do epitélio – devido à complexidade da resposta imune sistêmica, mas sabe-se que nesse grupo de cães há uma resposta imune mais demorada, característico de casos crônicos com alta parasistemia. A maior frequência de linfócitos demonstra a resposta imune no local.

Na próstata, o perfil leucocitário não apresentou diferenças significativas, desassociando a presença de formas amastigotas ao órgão¹. A frequência da intensidade das lesões inflamatórias está correlacionada com as manifestações clínicas e com a carga parasitária nos testículos2.

**CONCLUSÕES**

Os resultados obtidos das pesquisas e análises demonstram que há grande potencial de transmissão venérea da Leishmaniose Visceral Canina, sendo importante em populações caninas não esterilizadas, principalmente as em situação de rua, uma vez que o órgão reprodutor e fluido dos machos podem ser reservatórios das formas infectantes com a presença natural de amastigotas, reforçando o potencial epidemiológico do contágio em áreas endêmicas¹. Portanto, tais pesquisas são de extrema importância para a Saúde Pública, considerando-se o potencial zoonótico da doença e risco de transmissão do parasita para outros animais e para o homem.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

****